© José Malhoa

LUÍS VAZ DE CAMÕES

A Biblioteca Municipal de Coimbra comemora, em 2024, os 500 anos do nascimento do poeta português.

Janeiro – biografia
Fevereiro – O amor em Camões
Março – Os Lusíadas
Abril – Obra literária

Luís Vaz de Camões

Poeta português, filho de Simão Vaz de Camões e de Ana de Sá e Macedo, Luís Vaz de Camões terá nascido por volta de 1524, não se sabe exatamente onde, e morreu a 10 de junho de 1580, em Lisboa. Pensa-se que estudou Literatura e Filosofia em Coimbra, tendo tido como protetor o seu tio paterno, D. Bento de Camões, frade de Santa Cruz e chanceler da Universidade. Tudo indica que pertencia a uma aristocracia empobrecida, que procura no serviço das armas um modo de vida.

A história de Luís Vaz de Camões confunde-se com as memórias de um Portugal em expansão, estando circunscrita por muitos pontos de interrogação.

Atribuem-se-lhe vários desterros: um para Ceuta, onde se bateu como soldado e em combate perdeu o olho direito; o segundo para Constância, entre 1547 e 1550, porventura resultante de ofensas a uma certa dama da corte.

Em Lisboa levava, ao que parece, uma vida de estúrdia, tendo sido preso no tronco da cidade por haver assaltado, numa briga, com outros companheiros seus, um servidor do paço. Saiu logo no ano seguinte, inteiramente perdoado pelo agredido e pelo rei, conforme se lê numa carta enviada da Índia, para onde partiu nesse mesmo ano, quer para mais facilmente obter perdão quer para se libertar da vida lisboeta, que o não contentava.

Segundo alguns autores, terá sido por essa altura que compôs o primeiro canto de *Os Lusíadas*.

Na Índia parece não ter sido feliz. Goa dececionou-o. Tomou parte em várias expedições militares e, numa delas, no Cabo Guardafui, escreveu vários belos poemas. Viajou de seguida para Macau, onde exerceu o cargo de provedor-mor de defuntos e ausentes, e escreveu, na gruta hoje reconhecida pelo seu nome, mais seis Cantos do famoso poema épico.

Em data que é impossível precisar, Camões naufragou nas costas do Camboja, ou atual Vietname, salvando das águas o manuscrito d' *Os Lusíadas*, como ele próprio declara (X, 128). Nesse naufrágio viu morrer a sua "Dinamene", rapariga chinesa que se lhe tinha afeiçoado.

Ao cabo de três anos de serviço militar, provavelmente em 1556, Camões foi licenciado, tendo depois aceitado, tanto quanto é possível julgar, o desempenho de funções públicas.

Em Goa sofreu caluniosas acusações, dolorosas perseguições e duros trabalhos, vindo Diogo do Couto a encontrá-lo em Moçambique, em 1568, "tão pobre que comia de amigos", trabalhando n'*Os Lusíadas* e no seu *Parnaso,* "livro de muita erudição, doutrina e filosofia", segundo o mesmo autor.

A 24 de Setembro de 1571, Camões obteve de D. Sebastião o alvará que lhe permite imprimir Os Lusíadas por um período de dez anos. Em 1572 sai a obra, em Lisboa, em casa do impressor António Gonçalves e, em 28 de julho do mesmo ano, D. Sebastião concede ao poeta uma tença anual de 15000 réis, a pagamento desde 12 de março, pelos serviços que este lhe havia prestado na Índia, e não apenas para o compensar pela publicação d' Os Lusíadas. Esta tença foi paga irregularmente, mas sempre na sua totalidade, dela beneficiando, por ordem de Filipe II de Espanha, a mãe do poeta, que lhe sobreviveu. É graças a esta documentação que sabemos que a morte de Camões ocorreu em Lisboa, a 10 de Junho de 1580.

Os últimos anos de Camões foram amargurados pela doença e pela miséria. Reza a tradição que se não morreu de fome foi devido à solicitude de um escravo Jau, trazido da Índia, que ia de noite, sem o poeta saber, mendigar de porta em porta o pão do dia seguinte.

O certo é que morreu a 10 de junho de 1580, sendo o seu enterro feito a expensas de uma instituição de beneficência, a Companhia dos Cortesãos. Um fidalgo letrado seu amigo mandou inscrever-lhe na campa rasa na Igreja de Sant'Ana (Lisboa) um epitáfio significativo: "Aqui jaz Luís de Camões, príncipe dos poetas do seu tempo. Viveu pobre e miseravelmente, e assim morreu." Em 1880, as ossadas do poeta foram trasladadas para o Mosteiro dos Jerónimos.

Se a escassez de documentos e os registos autobiográficos da sua obra ajudaram a construir uma imagem lendária de poeta miserável, exilado e infeliz no amor, que foi exaltada pelos românticos (Camões, o poeta maldito, vítima do destino, incompreendido, abandonado pelo amor e solitário), uma outra faceta ressalta da sua vida. Camões terá sido de facto um homem determinado, humanista, pensador, viajado, aventureiro, experiente, que se deslumbrou com a descoberta de novos mundos e de "Outro ser civilizacional".

Por isso, diz Jorge de Sena: "Se pouco sabemos de Camões, biograficamente falando, tudo sabemos da sua persona poética, já que não muitos poetas em qualquer tempo transformaram a sua própria experiência e pensamento numa tal reveladora obra de arte como a poesia de Camões é."

A 10 de junho, comemora-se o Dia de Camões, de Portugal e das Comunidades Portuguesas.

Livremente adaptado de: Porto Editora – *Luís de Camões* na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2024-01-23 12:42:02]. Disponível em https://www.infopedia.pt/$luis-de-camoes

O amor em Camões

O poema de Camões é um soneto italiano. O soneto é uma forma fixa de poesia que consiste em quatro versos: os dois primeiros com quatro estrofes (quartetos) e os últimos com três estrofes (tercetos). Começa com a apresentação de um tema, que passa a ser desenvolvido, e, geralmente no último verso, contém uma conclusão que esclarece o tema.

A poesia de Camões segue a fórmula do soneto clássico.

É decassílabo, o que significa que contém dez sílabas poéticas em cada estrofe. A sílaba poética, ou sílaba métrica, diferencia-se da gramatical porque ela é definida pela sonoridade. A contagem das sílabas numa estrofe termina na última sílaba tónica. O formato do soneto clássico e a sonoridade estão diretamente relacionados ao conteúdo do poema. Nas onze primeiras estrofes temos o desenvolvimento de um raciocínio, e, nessas estrofes, observamos uma sonoridade próxima das rimas e da pausa na sexta sílaba métrica.

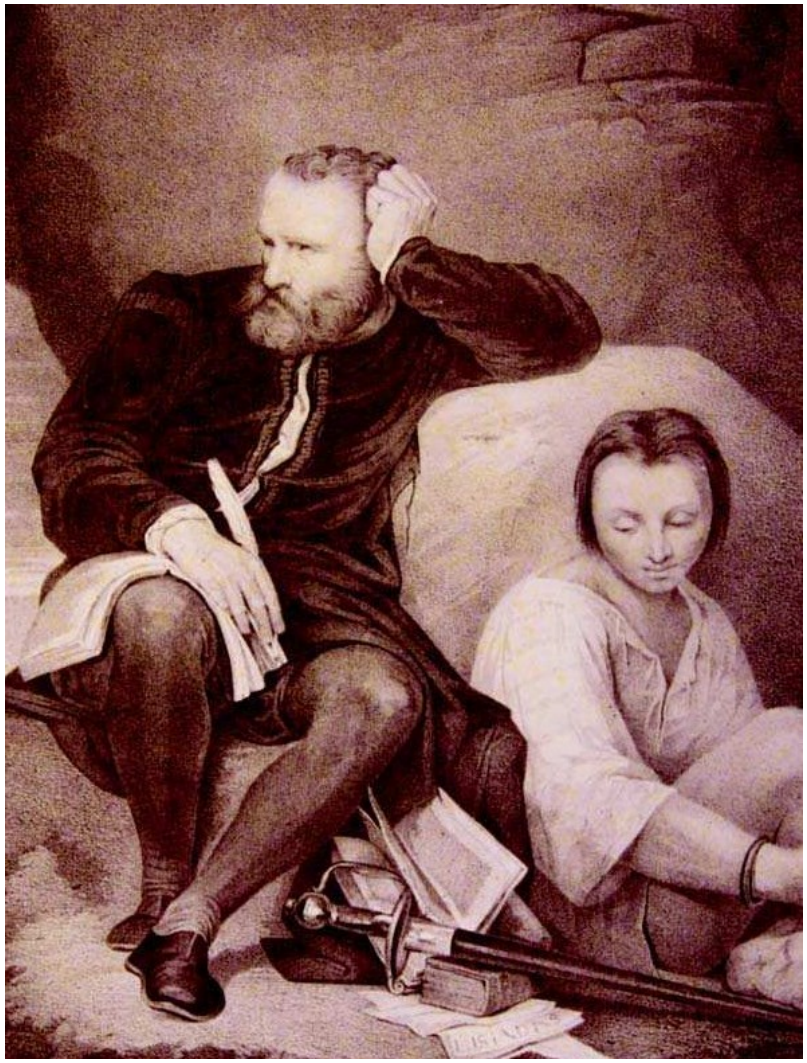
O tema da poesia é desenvolvido por meio do silogismo, que é um sistema de raciocínio desenvolvido por Aristóteles em que as afirmações prepositivas levam a uma conclusão lógica. No poema de Camões, as preposições são feitas nos dois quartetos e no primeiro terceto, sendo a última estrofe a conclusão do silogismo. Camões exprime a dualidade desse sentimento de uma forma exemplar: alcançando o cerne de um dos sentimentos mais complexos que existem; que nos provoca tanto prazer e sofrimento ao mesmo tempo.

A poesia amorosa de Camões é sensual, do homem tragado pela volúpia do corpo, encantado pela forma feminina, do boémio apaixonado e exaltado, tudo numa medida em que mantém um certo zelo pela imagem cantada, ainda quando o retrato é o da dor e da decepção amorosa, da traição ou do abandono. O tema amoroso em Camões tem uma vertente melancólica, à sombra do desencanto do eu perante a impossibilidade de se cumprir a plenitude da felicidade a partir do amor.

O poema torna-se intemporal na medida em que o tema abordado é universal e as figuras usadas para desenvolvê-lo são complexas e belas. Camões consegue conciliar imagens muito opostas para explicar o que é o amor.

O Amor, assim como tudo na vida, é um jogo de dualidades, de ambiguidades, que faz parte do cerne do ser humano. Não existe sentimento humano que possa ser explicado de forma clara e simples. Porém, alguns poetas conseguem exprimir de forma inteligível coisas tão complexas como o amor.

Mais, a palavra Amor (do latim amore) é uma emoção ou sentimento que leva uma pessoa a desejar o bem a outra pessoa ou a uma coisa. O uso do vocábulo, contudo, empresta-lhe outros tantos significados, quer comuns, quer conforme a ótica de apreciação, tal como nas religiões, na filosofia e nas ciências humanas.



Amor é um fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.
É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.
É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.
Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo amor?

(Rimas, Soneto 5, p. 119

OS LUSÍADAS

Publicado no século XVI é considerado um dos mais importantes livros portugueses.

Os Lusíadas é um poema épico formado por 1.102 estrofes e 8.816 versos, todos em oitavas decassilábicas, sujeitas em esquema rímico fixo e dividido em dez cantos e apresenta a seguinte estrutura épica:

- proposição ou prólogo;
- invocação a uma divindade;
- dedicatória;
- relato das aventuras de Vasco da Gama;
- conclusão ou epílogo.

Publicada em 12 de março de 1572, há 452 anos, a célebre criação do poeta Luís Vaz de Camões, teve duas edições e ambas impressas por António Gonçalves. Tem por título "Os Lusíadas de Luiz de Camões. Com privilegio real. Impressos em Lisboa, com licença da Santa Inquisição, e do Ordinário; em casa de António Gonçalves, impressor, 1572".

Qual a origem do nome **Lusíadas**?

Essa palavra foi adjetivada por André de Resende, contemporâneo de Camões, antes que este lançasse a sua obra. Deriva de *Lusus,* personagem legendário, companheiro de Baco, considerado como povoador da região que viria a ser Portugal, cujo nome passou aos *Lusitani*, habitantes locais.

Qual é o tema central de *Os Lusíadas*?

Trata-se de uma epopeia com dez cantos onde o autor glorifica os feitos dos portugueses através da epopeia dos descobrimentos.

Narra a descoberta do caminho marítimo para o Oriente por Vasco da Gama e encerra ainda uma síntese da História pátria.

Como Camões salvou *Os Lusíadas*?

A publicação do poema só foi possível porque (diz a tradição) Camões terá conseguido salvar os seus manuscritos de um naufrágio que sofreu no regresso da Índia. Conta-se que nadou com um braço e com o outro salvou os manuscritos.

Onde está a primeira edição de *Os Lusíadas*?

A primeira edição de Os Lusíadas viu a luz do dia, em março de 1572.

A epopeia de Luís Vaz de Camões foi vendida por apenas 85 cêntimos ao Ateneu Comercial do Porto em 1904 e, em 2024, vale mais de 350 mil euros. A obra valorizou centenas de milhares de euros em 120 anos.

Onde está o original de *Os Lusíadas*?

Na Biblioteca Nacional da Espanha, Madrid.

Em quantas línguas está traduzido *Os Lusíadas*?

- Podemos encontrar versões d'*Os Lusíadas* em espanhol (1580), francês (1735), alemão (1806-1807), italiano (1658), húngaro (1865), holandês (1777), inglês (1655), russo, japonês, dinamarquês, sueco e até em concani ou esperanto.

- O investigador Amadeu Ferreira traduziu *Os Lusíadas*, em 2010, para a língua mirandesa, após oito anos de trabalho.

- Foi traduzido, em 2021, para turco por um antigo estudante de Erasmus, Ibrahim Aybek, que acredita que a leitura da epopeia dos portugueses pode também revelar uma certa admiração do poeta pelos turcos.

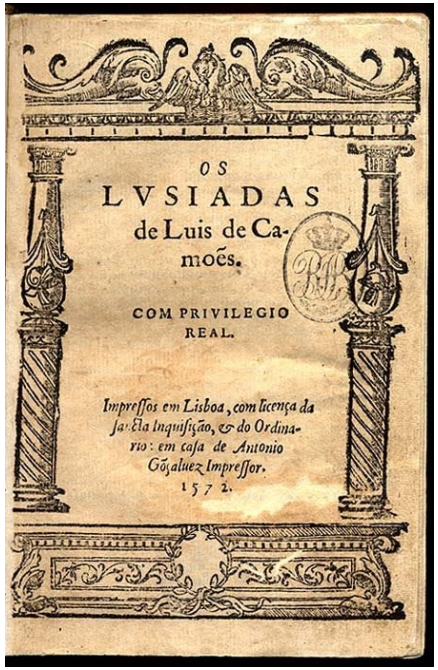
- A mais antiga edição latina da qual se tem notícia foi feita por Frei Tomé de Faria, bispo de Targa. A obra foi impressa em Lisboa, em 1622. A tradução latina foi feita em versos hexâmetros dactílicos, o metro heroico, uma característica comum em poemas épicos. Tomé de Faria deixou de traduzir as últimas doze estâncias do Canto X, substituindo-as por uma apóstrofe ao rei D. Manuel, em sete versos hexâmetros, em vez das últimas estâncias do poema.

- *THE LUSIADS*, em inglês, reúne o poema épico de Luís Vaz de Camões com a tradução realizada em 1880 por Sir Richard Francis Burton, tido como um dos grandes eruditos e tradutores britânicos de sempre. Mais que uma obra literária, pode-se dizer que é uma obra de arte, tal foi o empenho do autor em mantê-la com esta regularidade formal, conservando a métrica, as rimas e os versos em decassílabos da epopeia de Camões.

- A primeira edição em árabe da obra poética mais célebre da literatura portuguesa tem 1000 exemplares e foi lançada no Dubai, em janeiro de 2022, pela Livraria Lello. A tradução árabe ficou a cargo de Abdeljelil Larbi, professor de Literatura Árabe no Instituto Universitário de Lisboa. Após um cuidadoso trabalho de tradução que demorou dois anos a ficar concluído e incluiu uma completa pesquisa documental, o tradutor destaca que "a língua árabe e os leitores árabes, ganharão com a presença desta obra nos seus países".

Obra literária

A produção literária de Camões abrange quatro modos: o épico (com *Os Lusíadas*), o lírico (em *Rimas*), o dramático (com os seus "autos" ou "comédias": *Anfitriões, Filodemo* e *El-Rei Seleuco*) e o didático (nas suas cartas, publicadas inicialmente na obra *Rimas*).



Os Lusíadas (1572) — epopeia

Alguns estudiosos afirmam que Camões começou a escrever *Os Lusíadas* por volta de 1552, quando estava preso. Ao voltar para Goa, sofreu um naufrágio e quase perdeu os originais da sua obra-prima. Diz-se que nadou com um braço enquanto o outro permanecia erguido e segurava o manuscrito. Anos mais tarde, em 1572, publicou *Os Lusíadas*, dedicado a rei D. Sebastião (1554-1578), que concedeu ao autor uma pensão durante três anos.

É o único livro publicado em vida do autor.

COMEDIA
DOS ENFATRIÕES.
COMPOSTA POR LVIS DE CAMÕES.
Em a qual entrão as figuras seguintes.
Enfatrião.
Almena sua molher.
Sosia seu moço.
Bromia sua criada.
Belferrão patrão.
Antelio primo della com seu moço.
Iupiter.
Mercurio.
Entra logo Almena sandosa do marido que he na guerra, & diz.
Em Lisboa. Impressa com todas as licenças necessarias. Por Vicente Alvarez. 1615.

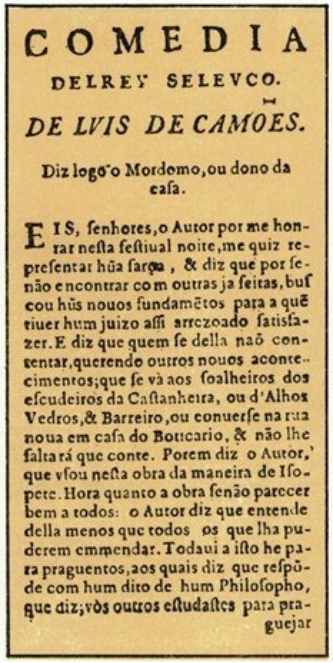
Anfitriões (1587) — teatro

Anfitriões é uma comédia, escrita em forma de auto. Foi publicada em 1587 (após a morte do autor), sendo uma adaptação do *Amphitryon* de Plauto, onde acentua o caráter cómico do mito de Anfitrião, destacando a omnipotência do amor, que subjuga até os imortais, também seguindo a tradição vicentina.

Filodemo (1587) — teatro

Filodemo é uma comédia, escrita em forma de auto. Foi composto na Índia e dedicado ao vice-rei Dom Francisco Barreto. Trata-se de um texto sobre a moralidade, em cinco atos, de acordo com a divisão clássica, sendo uma de três obras que se lhe atribuem e que se manteve mais viva no interesse da crítica pela multiplicidade de experiências humanas que descreve e pela agudeza da observação psicológica. O tema versa sobre os amores de um criado, Filodemo, pela filha, Dionisa, do fidalgo em casa de quem serve, com traços autobiográficos. O conteúdo geral da obra combina o nacionalismo e a inspiração clássica, na tradição das comédias de Gil Vicente.

RIMAS
DE
LVIS DE
CAMÕES.
PRIMEIRA PARTE.
Agora nouamente emendadas nesta vltima impressão, & acrecentada hũa Comedia nunca atègora impressa.
EM LISBOA Com todas as licenças.
Na Officina de Paulo Craesbeeck Impressor, & Liureiro das tres Ordẽs Militares, & à sua custa. An. 1645


COMEDIA
DELREY SELEVCO.
DE LVIS DE CAMOES.
Diz logo o Mordomo, ou dono da casa.
EIS, senhores, o Autor por me honrar nesta festiual noite, me quiz representar hũa farça, & diz que por se não encontrar com outras ja feitas, buscou hũs nouos fundamẽtos para a quẽ tiuer hum juizo assi arrezoado satisfazer. E diz que quem se della naõ contentar, querendo outros nouos acontecimentos; que se và aos soalheiros dos escudeiros da Castanheira, ou d'Alhos Vedros, & Barreiro, ou conuerse na rua noua em casa do Boticario, & não lhe faltará que conte. Porem diz o Autor, que vsou nesta obra da maneira de Isopete. Hora quanto a obra senão parecer bem a todos: o Autor diz que entende della menos que todos os que lha puderem emmendar. Todauia isto he para praguentos, aos quais diz que respõde com hum dito de hum Philosopho, que diz; vòs outros estudastes para praguejar

El rei Seleuco (1545/1616) — teatro

El-Rei Seleuco (escrito em 1545, impresso pela primeira vez em 1616) é uma peça de teatro. Trata-se de um auto que satiriza a nobreza. A trama baseia-se na intenção do rei de desposar a mulher que o seu filho ama. A atribuição da autoria de *El-Rei Seleuco* a Camões é, porém, controversa. A sua existência não era conhecida até 1654, quando apareceu publicada na primeira parte das *Rimas*. Não dá detalhes sobre a sua origem e teve poucos cuidados na edição do texto. A peça também diverge em vários aspetos das outras duas que sobreviveram, tais como em sua extensão, bem mais curta (um ato), na existência de um prólogo em prosa e no tratamento (menos profundo) e menos erudito do tema amoroso. O tema, da complicada paixão de Antíoco, filho do rei Seleuco, por sua madrasta, a rainha Estratonice, foi tirado de um fato histórico da Antiguidade transmitido por Plutarco e repetido por Petrarca e pelo cancioneiro popular espanhol, trabalhando-o ao estilo de Gil Vicente.

RHYTHMAS
DE LVIS DE CAMOES.
Diuididas em cinco partes.
Dirigidas ao muito Illuſtre ſenhor D. Gonçalo Coutinho.
MIHI TAXVS
Impreſſas com licença do ſupremo Conſelho da geral Inquiſição, & Ordinario.
EM LISBOA,
Por Manoel de Lyra, Anno de M. D. Lxxxv.
A cuſta de Eſtevão Lopez mercador de libros.

Rimas (1595) — poesia lírica

A poesia camoniana é caracterizada pelo uso da medida nova, isto é, versos decassílabos (10 sílabas). No entanto, alguns dos seus poemas dialogam com o trovadorismo (poesia medieval). Portanto, apresentam redondilhas, que são versos de cinco ou sete sílabas. Os seus poemas são compostos em versos regulares.

As principais temáticas da poesia camoniana são o desconcerto do mundo e a inconstância, marcadas por uma visão antropocêntrica. Adepto do neoplatonismo, a sua poesia idealiza o amor e a mulher amada. Além disso, o poeta demonstra uma visão filosófica do amor, definido por meio de antíteses e paradoxos.

Luís de Camões lendo *Os Lusíadas*, por António Carneiro

Camões lendo *Os Lusíadas* a D. Sebastião, em litografia de 1893.